



Conversatório 4: Mulheres e as tecnologias na agroecologia.

Sheyla Saori Iysaka, possui graduação em Engenharia Agrônoma - UNESP- Botucatu/ FCA (2006). Mestrado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural -UFSCAR (2015), atualmente é técnica da SempreViva Organização feminista-SOF.

É um tema que define muitas coisas das nossas vidas: define quem produz, como produz e define também o quê e como comemos.

As falas de ontem da Luana, Elisa e Laetícia, foram muito importantes para a gente seguir no assunto das tecnologias, para quem não conseguiu assistir: elas falaram muito sobre a hierarquização dos saberes, dos conhecimentos e na fala de Elisa, maravilhosa, sobre como a colonização, patriarcal, principalmente em uma referência ao masculino, branco e heteronormativo, impõem um modelo de vida sobre outras vidas e, neste caso, no extermínio de modos de vida dos povos ancestrais e do conhecimento tradicional.

E quando nós, mulheres, reconhecemos a nossa contribuição para a agroecologia, em uma perspectiva feminista, é justamente construir uma nova narrativa para este tema: o tema das tecnologias. E a gente coloca aqui o termo tecnologia, mas estamos também falando das práticas agroecológicas. E só para exemplificar, que a gente fala há muito tempo sobre mulheres e agroecologia, como um tema animador, mas também desafiante em termos de construção: no âmbito acadêmico (lugar próprio de se fazer e construir conhecimentos), finalizei em 2015 meu mestrado¹ e houve um levantamento dos Congressos Brasileiros de Agroecologia de trabalhos que envolvem mulheres em seu conteúdo. Foram analisados 8 CBAs e encontrados 75 trabalhos em 5.101 resumos analisados. Depois disso, este tema, como outros, foram cada vez mais ganhando espaço: não só na ABA mas também no movimento agroecológico. Mas não foi por conta do meu trabalho não, foi justamente porque a vida começou a ficar mais difícil e o movimento das mulheres, no movimento agroecológico, também foi se colocando em todos os espaços e pautando as urgências.

¹ <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/7895?show=full>

Para falarmos das tecnologias e das mulheres é importante resgatar a mesa de ontem e levarmos em consideração que os conflitos territoriais e ambientais que conhecemos tem suas raízes num modelo hegemônico de desenvolvimento. É um modelo que historicamente foi imposto para os povos de países do sul global, da América Latina principalmente. E como bem disse a Luana ontem, é uma exploração que passa por uma hierarquia de gênero, classe e raça. E para exemplificar concretamente tudo isso que a gente fala, buscando algumas referências, tem um texto de uma autora (Chantal Ndami)² que descreve as práticas agrícolas femininas, de duas etnias da República de Camarões, ela descreve como os conhecimentos da agricultura são repassados de mãe para filha, e que a prática agrícola é um conhecimento feminino. E esta foi considerada uma das agriculturas mais produtivas da África subsaariana

As mulheres desenvolveram métodos de manutenção e recuperação da fertilidade do solo, praticavam uma agricultura tradicional, muito parecida com a prática de coivara no Brasil, que é muito criminalizada, mas que consistia em carpir, enterrar a palhada e colocar fogo para uma combustão lenta e abafada. Esta técnica permite obter solos mais leves e mais fáceis de trabalhar, com uma concentração mineral favorável à nutrição das plantas. Esta autora ressalta que a enxada era uma ferramenta essencial, também fazendo parte do enxoval das mulheres que casavam, porque era o instrumento que assegurava a alimentação e a independência econômica da mulher.

O relato traz os princípios de solidariedade como base para alianças entre as mulheres, e que muitas inovações técnicas de agricultura surgiram nestes encontros comunitários. E só um parêntese: na época da sistematização das cadernetas agroecológicas, isso também surgiu. Sobre o incremento de produção, aumento de diversidade e novas técnicas que foram adotadas pelas mulheres após os encontros que envolviam as percepções das cadernetas.

A colonização inglesa impôs uma modernização agrícola, com a introdução da monocultura de café e de sementes homogêneas, conhecemos muito bem esta história da tecnologia das sementes. E impôs o cultivo em terraços e curva de nível, técnicas que nossa agricultura se utiliza até hoje. As mulheres se mostraram reticentes a estas mudanças e o fato de as práticas agrícolas serem transmitidas de mãe à filha pareceu aos colonizadores que eram imutáveis e a estratégia deste projeto colonizador, masculino e branco, foi considerar a agricultura realizada

² NDAMI, Chantal, Normes de genre, pratiques et savoirs agricoles féminins au Cameroun : une approche historique, in: VERSCHUUR, Christine (Org.), Savoirs féministes au Sud : Expertes en genre et tournant décolonial, Genève: Graduate Institute Publications, 2020, p. 313–328.

pelas mulheres como atrasada, como um modo irracional de fazer agricultura, e que o plantio no sentido do declive era por preguiça. E carregamos este peso até hoje.

Ao impor a monocultura do café e as novas técnicas os homens da República de Camarões foram convocados à agricultura. A prática de queimada foi proibida. Esta intervenção teve como consequências: o enfraquecimento das redes de mulheres e das redes sociais, perda de cultivares, ruptura do equilíbrio do sistema de produção de alimentos, redução da criação de animais, desaparecimento das cercas viva, baixa de rendimento das culturas agrícolas, mudança nas normas de gênero, o que chamamos de masculinização da agricultura, restrição do direito das mulheres ao uso da terra e por fim a deslegitimação do papel das mulheres na agricultura. Ou seja, daquilo que falamos ontem sobre a divisão sexual do trabalho, que influencia na importância e no papel de quem faz o trabalho, também faz parte deste projeto que conhecemos, do agronegócio, deste modelo econômico pós colonial que vivemos.

Mas de maneira geral podemos fazer estas perguntas: Quantas mulheres que trabalham na agricultura reclamam das dores nas costas, na cervical e no corpo depois de um dia extenuante no sol ou por carregar uma roçadeira que não encaixa no corpo dela? Quantas mulheres deixam de usar um motosserra ou se apropriar de uma máquina agrícola porque não conhecem os mecanismos de funcionamento, manutenção, troca de correias etc.? Nós, mulheres, sabemos que a ciência e a tecnologia estão a favor de um modelo androcêntrico, as referências masculinas estão presentes nas ferramentas de trabalho. E de novo: modelo capitalista também organiza como usamos e como nos separamos de nossos corpos.

As agricultoras que a gente convive no Vale do Ribeira, por exemplo, têm mostrado que as práticas delas são muito mais favoráveis em relação ao sol. O plantio diverso, presença de sombra de árvores e etc. Deixa o trabalho muito menos cansativo quando comparado com um plantio em pleno sol, aqueles plantios que se retiram as árvores porque ocupam mais espaço e para não atrair passarinho para a plantação. E esta posição das mulheres como produtoras de alimentos e conservação da biodiversidade está muito ligada a vida do cotidiano. E principalmente ao tempo que dedicamos entre os trabalhos domésticos e produtivos.

Já vimos uma agricultora por exemplo secar mandioca para fazer farinha num tanquinho de lavar roupa e que rendeu 8 h de trabalho a menos. Teve um vídeo de uma companheira nossa, quilombola, pelo whatsapp que mostrava o quintal e eu olhava e não conseguia distinguir as plantas que estavam lá, parecia uma capoeira com um monte planta interagindo e ela ia colhendo, falando o que iria para o almoço do dia, já tirava umas plantinhas espontâneas, já ia cobrindo outras, podava uns galhos, arrancava umas folhas para tirar sombra e daí você

entende que a matéria orgânica do solo está o tempo todo sendo mexida, tirada e devolvida. Estas relações merecem um olhar técnico porque aquelas plantas todas juntas estavam interagindo, tinham uma função umas para as outras. E ela mostrava tudo isso de um jeito que a vida é abundante e que este manejo facilitava o rendimento de seu tempo no quintal.

Eu estava buscando algumas referências técnicas sobre trabalhos com práticas agroecológicas e encontrei um resumo publicado no último CBA sobre o conhecimento em torno de plantas indicadoras. Porque quando a gente procura alguma informação sobre elas aparecem informações mais objetivas e pontuais: por exemplo o picão- presença de excesso de nitrogênio. Ou na forma de plantas comestíveis. Lembrando que gourmetização destas plantas nos leva a buscas sobre seus usos culinários e algumas poucas coisas em relação ao resgate de conhecimentos aplicados à elas. Mas o artigo mostrou a observação tradicional, das pessoas mais velhas da comunidade, de plantas para escolher o local e o período de plantio da mandioca. Esta observação, as experimentações, a criatividade, a gestão da vida- imagine só de você pensar que a comida não deve faltar para ninguém e ser aproveitada antes de estragar- é uma grande gestão do cotidiano, né? Esta forma de praticar a agricultura não tem nada a ver com o sistema do agronegócio e com o determinismo tecnológico que esta lógica nos impõe. Estas mudanças afetam os modos de vida, interfere nas práticas agrícolas, nos papéis sociais e econômicos, reconhecimento dos saberes das mulheres e afeta nossa confiança na capacidade de inovação tecnológica. Seguimos um determinismo tecnológico, organizado por um projeto hegemônico, em um modo de construir conhecimento por métodos reducionistas, que nada tem a ver com a proposta dos saberes ancestrais e construídos pelas mulheres, principalmente. As escolhas das práticas e tecnologias, possuem um determinismo tecnológico, baseados no poder de quem detém estas tecnologias. Porque o determinismo tecnológico, que está impregnado nas nossas vidas tem uma relação vem com um pacote de intervenções, pacotes nutricionais etc. Precisamos nos colocar nesta questão quando falamos das práticas porque os adubos químicos minerais ou os aparelhos celulares, que possuem minerais finos de alta condutividade iônica, que trocamos sempre e que tem obsolescência programada, são feitos a base de uma exploração minerária, na mineração. Uma das atividades que mais exploram, matam, poluem e expulsam os povos de seus territórios.

E a extração exploratória da água, da terra, das florestas que existem hoje, através de grandes projetos de mineração, barragens, reflorestamentos e monoculturas, têm as mesmas características históricas da colonização europeia dos séculos anteriores. Uma exploração que é baseada na extração predatória da natureza, extermínio da cultura local, e na exploração das

pessoas para atender a estes projetos, as relações com a natureza se transformam em produtos, são relações mercantis que se estabelecem. No caso das mulheres: as colocando num sistema privado da vida, em trabalhos reprodutivos, invisíveis ao sistema econômico mas importante para ele continuar existindo, se apropriando do corpo das mulheres e os colocando a serviço do capital de diversas formas, desde a insegurança alimentar, problemas de saúde que surgem com a imposição de novas formas de vida até a prostituição e violência sexual que aumenta em regiões onde há grandes obras ou projetos instalados.

E as mulheres foram colocadas de maneira tão marginalizada no processo de promoção e construção do conhecimento, da ciência, da vida pública, do mundo das decisões, apenas categorizada pela subjetividade, emoções, colocadas em categorias essencialistas, biologicamente apenas existindo. Que quando a Vivian trouxe a reflexão de que nos sentimos inseguras ao tratar de algum assunto que dedicamos tempo, aprimoramentos etc., é um sentimento comum, e que estamos aqui para desconstruir isso e com as tecnologias não é diferente.

As meninas da comunicação da MMM- Marcha Mundial das Mulheres sempre nos alertaram, de como é importante a gente tentar conhecer o funcionamento desta onda tecnológica que hoje invade a nossa vida para também entender contra o que estamos resistindo. A exploração e a precarização da vida têm se manifestado principalmente pela tecnologia da informação. E porque eu tão falando isso, uma companheira da MMM escreveu um texto³, que fala de uma maneira super interessante sobre a digitalização: “Podemos pensar a digitalização como um processo que transfere muitas das coisas que fazemos em nosso cotidiano para o formato digital, que pode ser lido e processado por computadores, softwares e aplicativos. E as questões desta digitalização é justamente quem detém estes dados, nossas informações e a acumulação destes dados, das informações como capital. Ou seja, transformando tudo que é vivo em dados. Que é o que chamamos de dataficação”.

É importante estarmos atentas a isso porque chamamos de financeirização⁴ da natureza estas relações que os grupos econômicos estabelecem como base de exploração. Os ciclos da natureza e seus bens comuns começam a ter valores no mercado financeiro. São as falsas soluções, da ideia do poluidor pagador- e os PSA – pagamentos por serviços ambientais, muito presente na vida das pessoas que fazem agroecologia e tem servido a este modelo. Há muitos financiamentos de bancos internacionais que lucram com projetos que envolvem as

³ <https://www.sof.org.br/caderno-capitalismo-digital-comunicacao-e-construcao-de-movimento/>

⁴ <https://www.sof.org.br/o-territorio-ameacado-vale-do-ribeiras/>

agroflorestas, plantas determinadas espécies de plantas como melíferas, regenerar nascentes, o uso de determinadas tecnologias e soluções verdes- usos de fossas sépticas, por exemplo. Estes projetos verdes têm rendido muito dinheiro aos grupos econômicos que detêm as regras deste mercado. E chamamos de falsas soluções porque não há o objetivo de parar ou repensar a exploração predatória, apenas de compensar o estrago, que não resolve os problemas de expropriação de terras, das desigualdades, da violência nos territórios e muito menos das mudanças climáticas, que é o grande apelo. É a ideia de se compensar num lugar o que se destrói e mata em outro. Isso tem se tornado um grande negócio verde.

E falando em financeirização, algo que tem nos deixado atentas é a digitalização da agricultura, ou a agricultura 4.0 que tem se promovido como uma solução para os problemas agrários e ambientais. Natalia Lobo escreveu um texto⁵ falando sobre esta nova agricultura- se colocando como uma nova revolução verde. E a promoção destas tecnologias na nossa vida como algo que pode nos ajudar, diminuir nosso tempo com trabalho, facilitar a vida e dar transparências para os processos é na verdade a mesma lógica de discurso que nos venderam os pacotes tecnológicos da revolução verde.

E nesta fase da agricultura 4.0 vamos chamar atenção para duas questões que estão presentes na nossa vida: que é o CAR= famoso cadastro ambiental rural e tem se caracterizado como uma grilagem virtual de terras, grandes proprietários declarando áreas de preservação de terras que não são suas e aumentando a especulação imobiliária, justificando processos legais de reintegração de posse e acessar financiamentos em áreas rurais.

Esta agricultura tem aumentado os conflitos em terras indígenas e quilombolas, e favorecendo o mercado de carbono, neste processo de financeirização, os falsos proprietários de terras começam a colocar estas terras no mercado. E não é só isso, a gente tem a vinda de plataformas, principalmente agora na pandemia, de blockchain com criptomoedas, plataformas que mostram o compartilhamento de informações, decisões e transparência na rastreabilidade de produtos, mas têm nos mostrado que mais separa as pessoas e as decisões coletivas do que aproxima.

Lembrei sobre os milhos mexicanos, e também o que Elisa nos alertava ontem: não podemos esquecer que os povos são os responsáveis pela conservação dos bens comuns, pela manutenção da biodiversidade, pela proteção da natureza, mas isso não é o objetivo central das suas práticas. O principal objetivo destes povos é continuar sua história, continuar

⁵ <https://www.sof.org.br/caderno-capitalismo-digital-comunicacao-e-construcao-de-movimento/>

vivendo, o objetivo é a manutenção dos modos de vida. E que está relacionada com a vida em seus territórios.

E isso reflete muito a fala de uma liderança quilombola, nossa companheira do GT de mulheres da ANA e da CONAQ, quando relata a pressão dos parques sobre os territórios das comunidades: “começam a colocar cercas, proíbem o trânsito das pessoas na floresta, e depois surgem com projetos de manutenção de sementes, produção diversificada e agroflorestas etc. para que a comunidade possa conservar o ambiente. E esquecem que os modos de vida foram ameaçados, que a diversidade preservada só existe quando os povos possuem autonomia e liberdade para se transitar sobre seus territórios”.

Por fim, a gente não pode esquecer que as diversas experiências, das práticas agroecológicas, são resultados de muita resistência, de aprimoramentos, de criatividade, experimentações e são baseadas no fazer cotidiano, na manutenção da vida e por isso, nós feministas agroecológicas, afirmamos que a vida deve estar no centro das análises políticas e econômicas. Meu tempo acabou e desejo aqui um 8M onde lembramos - Fora Bolsonaro, Vacina para o povo e Auxílio emergencial já! Obrigada.”

Assista o vídeo do através do QRCode Conversatório 4 Mulheres e as tecnologias na agroecologia:

